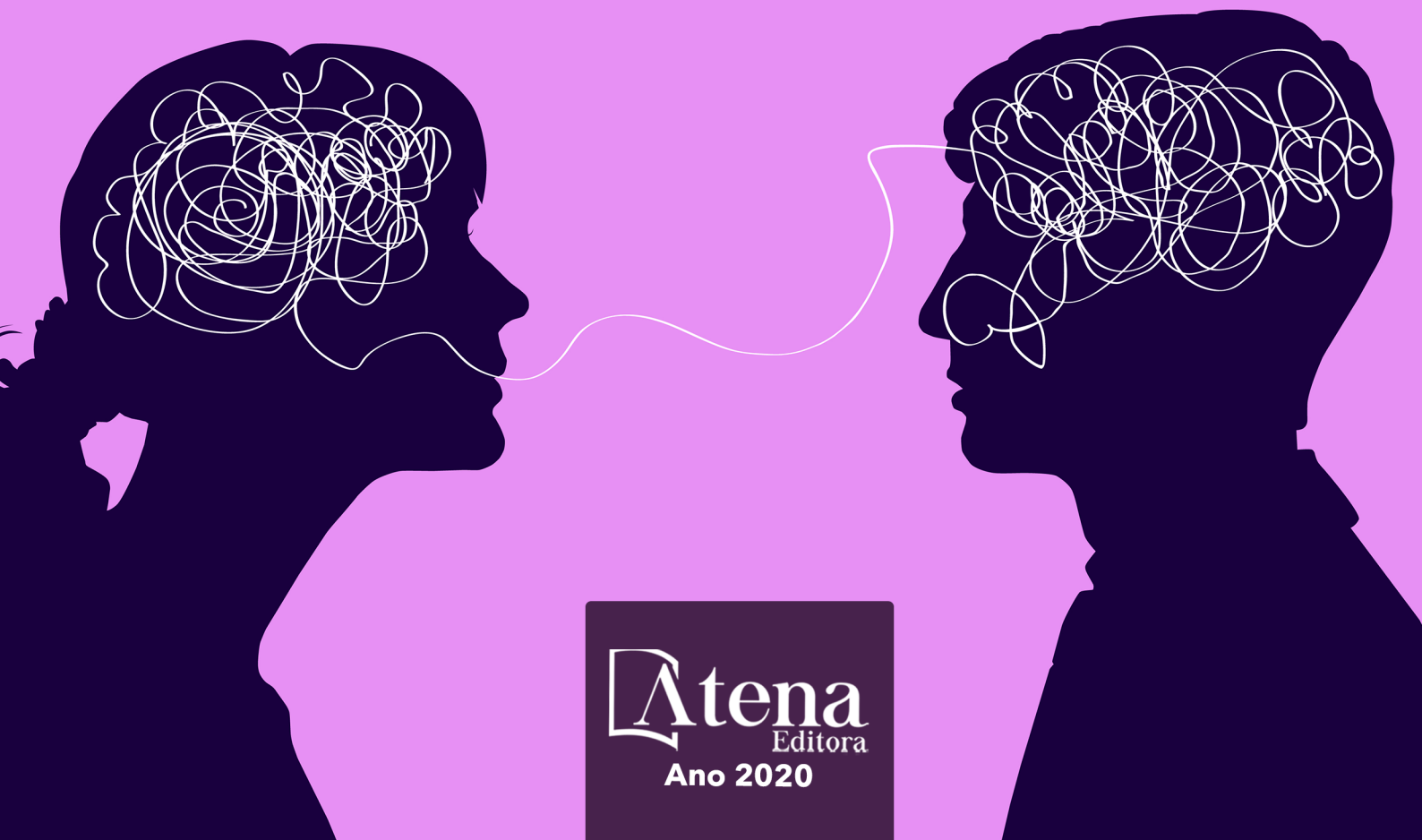


LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES

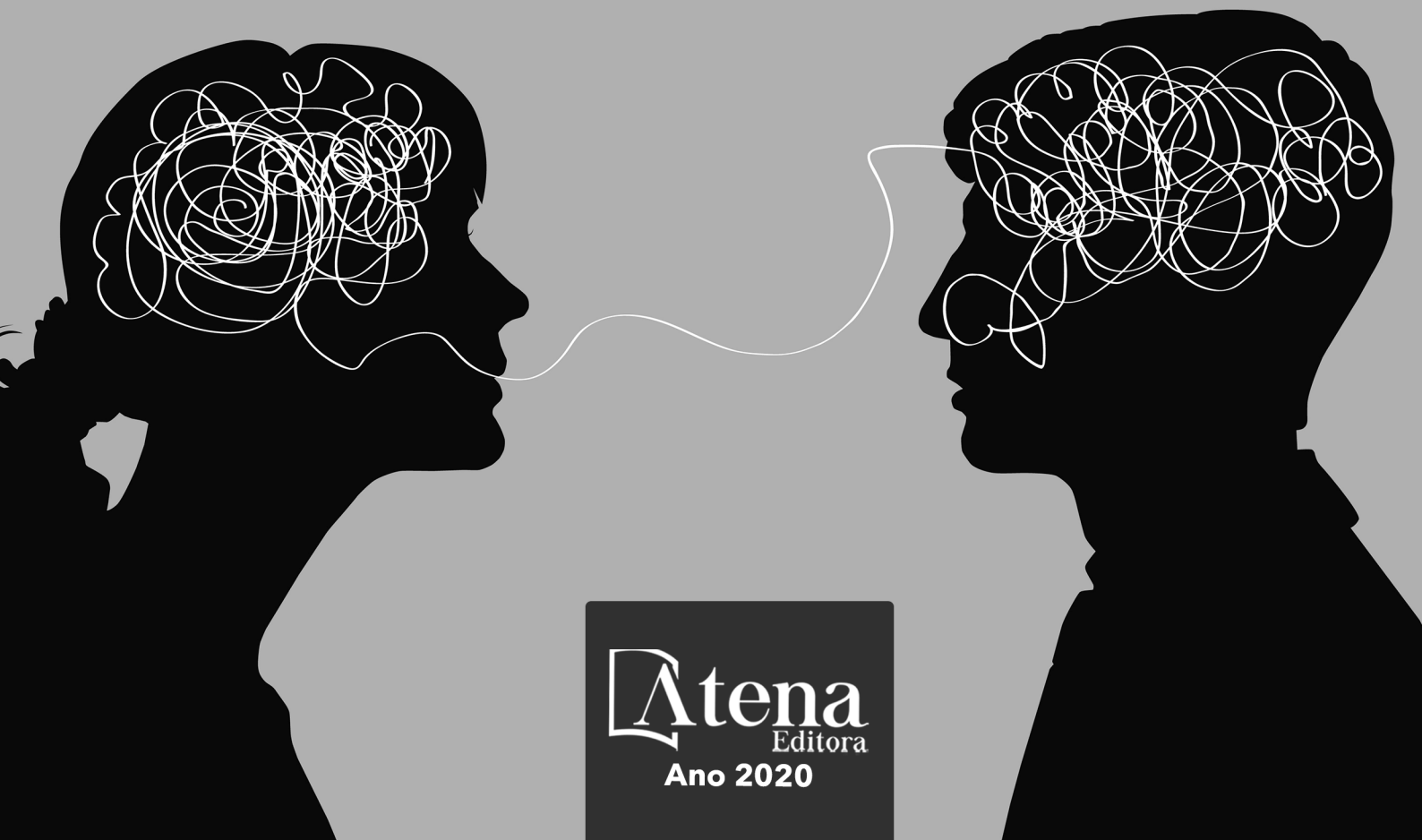
IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2020

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES: CULTURAS E IDENTIDADES

IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



Atena
Editora
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá

Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice

Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Luis Ricardo Fernando da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador

Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Fernando José Guedes da Silva Júnior – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Prof. Me. Heriberto Silva Nunes Bezerra – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Profª Ma. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
L755	Linguística, letras e artes [recurso eletrônico] : culturas e identidades / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-5706-025-4 DOI 10.22533/at.ed.254202404 1. Letras. 2. Linguística. 3. Artes. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Neste e-book, as reflexões compõem as áreas de ensino da Linguística, Letras e Artes em uma proposta plural. Quando se tem o contexto de ensino como espaço diversificado do conhecimento, compreende-se que a produção do saber não está associada à política de que os saberes são e devem ser classificados em pequenas caixinhas, sem que não se ofereçam as conexões entre as diferentes áreas da formação humana.

O que tornam necessárias as discussões presentes no referido livro são as noções ampliadas de que a formulação dos conhecimentos ocorre de maneira dialógica, flexível e plural. É nessa diversidade de capítulos que organizam, dão formas, texturas, cheiros e cores ao e-book, que todos os autores disponibilizam suas múltiplas concepções de como o conhecimento pode e deve ser construído, discutido, rediscutido e formulado.

Todos os autores constroem em suas narrativas investigativas um processo de efetivação das oportunidades de aprendizagem, as colocam neste livro de maneira acessível. Sendo assim, nossas reflexões transitam os contextos próprios da Linguística, das análises de obras literárias, isto é, das Letras, e da função que as Artes cumprem em nos encantar, problematizar situações, além de apresentar soluções para tais questões.

Ao escrever esta apresentação de *Linguísticas, Letras e Artes: Culturas e Identidades*, encontro-me, como todo o Brasil, em isolamento social em cuidados contra o inimigo invisível que assola todo o planeta, o covid-19. E, embora, não possamos cumprimentar os nossos interlocutores, sabemos que a essencial necessidade de comunicação do sujeito pela linguagem traz uma luz ao processo de interação e anseios de que dias melhores virão com a aurora anunciada pelas boas notícias.

Nestes tempos sombrios, de muitas mortes, por sinal, medos e tempestades em que a pandemia estar em destaque, amplia-se o discurso *fique em casa*, já que estamos isolados, socialmente, não estamos isolados de acessar o conhecimento capaz de nos acalantar. É, nesse sentido, que os 14 capítulos deste e-book surgem como um bálsamo aos nossos medos e às nossas inseguranças, pois, mesmo que os medos estejam à porta, o saber nos levam além.

Neste livro, propomos a aproximação discursiva entre os termos *culturas e identidades*, posto que linguística, letras e artes compartilham do mesmo contexto de elaboração. Assim, em tempos sombrios e de isolamento social fica a dica de leitura da referida obra, construída em uma proposta plural e disponibilizada a todos. *Fiquemos em casa* com uma excelente e construtiva leitura!

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
COMPETÊNCIA LEITORA: UM ALICERCE PARA O ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA	
Edma Regina Peixoto Barreto Caiafa Balbi	
DOI 10.22533/at.ed.2542024041	
CAPÍTULO 2	13
TEORIA DA COMPLEXIDADE: ACONSELHAMENTO LINGUAGEIRO, EMERGÊNCIA E ATRADORES NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	
Isabelly Raiane Silva dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.2542024042	
CAPÍTULO 3	24
LUSOFONIA EM EXPANSÃO: ANÁLISE DE MATERIAL DIDÁTICO DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA (PLE)	
Gabriella da Silva Araujo	
Regina Helena Pires de Brito	
DOI 10.22533/at.ed.2542024043	
CAPÍTULO 4	38
PERCEÇÃO DE ALUNOS A RESPEITO DA IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS	
Denise Medeiros Faria	
Jaliane Soares Borges dos Santos	
Maísa Conceição Silva	
Cristiane Siqueira Pereira	
Rogério Pacheco Rodrigues	
Jakline Soares Borges dos Santos	
Geane Silva Lima	
Natalia Lázara Gouveia	
Janice Soares Borges dos Santos Souza	
Jéssica Campos Silva	
Jordana Américo Zei Andrade	
Waldiclécio Ribeiro Farias	
DOI 10.22533/at.ed.2542024044	
CAPÍTULO 5	47
ENSINO DE GRAMÁTICA E TEXTO NA ESCOLA	
Ivan Vale de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.2542024045	
CAPÍTULO 6	63
TOPÔNIMOS LATINIZADOS NA FLORA BRASILIENSIS: O ANO DE 1819 DA MISSÃO AUSTRO-ALEMÃ NO BRASIL	
Leonardo Ferreira Kaltner	
DOI 10.22533/at.ed.2542024046	
CAPÍTULO 7	73
UM PERCURSO SOBRE O ROMANCE ‘DOIS IRMÃOS’, DE MILTON HATOUM	
Lídia Carla Holanda Alcântara	
DOI 10.22533/at.ed.2542024047	

CAPÍTULO 8	83
ANÁLISE DE RETRADUÇÕES BRASILEIRAS DO CONTO <i>THE IMP OF THE PERVERSE</i> , DE EDGAR ALLAN POE	
Juan Carlos Acosta	
Patrícia Chittoni Ramos Reuillard	
DOI 10.22533/at.ed.2542024048	
CAPÍTULO 9	98
RIGOBERTA MENCHÚ TUM: SUBJETIVIDAD, TESTIMONIO Y ESCRITA AUTO FICCIONAL	
Margareth Torres de Alencar Costa	
DOI 10.22533/at.ed.2542024049	
CAPÍTULO 10	109
AS CURVAS DA ESTRADA DO PLAYBOY-HEROI: A MÚSICA DE ROBERTO CARLOS E A DANÇA EM “AS CANÇÕES QUE VOCÊ DANÇOU PRA MIM”	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.25420240410	
CAPÍTULO 11	122
KLEZMER E O VIOLINO: DO TEATRO <i>YIDDISH</i> À SALA DE CONCERTO	
Edison Valério Verbisck	
Eduardo Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.25420240411	
CAPÍTULO 12	134
O IMAGINÁRIO SOBRE TECNOLOGIA: ANÁLISE DA REALIDADE VIRTUAL NA SÉRIE BLACK MIRROR E SUA POSSÍVEL UTILIZAÇÃO PUBLICITÁRIA	
Marina Strumiello Rodrigues da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.25420240412	
CAPÍTULO 13	146
PERFORMANCE E DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL: A INCORPORAÇÃO DA TÉCNICA PELA PRÁTICA	
Giovanna Gabriela Farias Machado Pieroni	
Fernanda Nardy Bellicieri	
DOI 10.22533/at.ed.25420240413	
CAPÍTULO 14	165
REPRESENTAÇÕES CANIBAIS: ASPECTOS FRAGMENTÁRIOS DA CULTURA CONTEMPORÂNEA – PENSAMENTO ARTÍSTICO A PARTIR DO FILME RAW	
Marcos Pedro da Silva	
Maria Regiane da Silva Lopes Barrozo	
Vinicius André da Silva Appolari	
Andreia Nunes de Castro	
DOI 10.22533/at.ed.25420240414	
SOBRE O ORGANIZADOR	176
ÍNDICE REMISSIVO	177

UM PERCURSO SOBRE O ROMANCE ‘DOIS IRMÃOS’, DE MILTON HATOUM

Data de aceite: 13/04/2020

Lídia Carla Holanda Alcântara
<http://lattes.cnpq.br/4122518442939684>

1 | FÁBULA SOBRE O ÓDIO: A TRAMA DE DOIS IRMÃOS

A narrativa de *Dois Irmãos*, contada em primeira pessoa por Nael, é, em muitos trabalhos e críticas, referida como um drama familiar, visto que tem como um dos focos principais o conturbado relacionamento entre dois irmãos gêmeos: Yaqub e Omar. Filhos de Zana e Halim, família de sangue árabe, desde muito pequenos os irmãos já apresentavam traços do que poderia ser considerada uma grande rivalidade, permeada por uma mistura de sentimentos, dentre os quais ciúme, raiva, inveja, competição, o que resultaria em ódio. Um dos primeiros relatos de agressão entre os gêmeos é visto logo nas páginas iniciais, quando Omar – constantemente referido como “o Caçula” - enciumado ao ver Lívia, uma menina “apresentada, que sorria sem malícia e atraía os gêmeos e todos os meninos da vizinhança” (HATOUM, 2006, p. 23), beijando Yaqub, ataca o irmão com uma garrafa de

vidro, ferindo-o seriamente no rosto.

O livro já inicia com uma cena indicativa dessa rivalidade. O breve começo do romance retrata a morte de Zana que, como algumas de suas últimas palavras, pergunta: “Meus filhos já fizeram as pazes?” (Ibidem, p. 10). A resposta, se articulada, certamente teria sido negativa. Os irmãos jamais vieram a se entender.

Em uma tentativa de apaziguar as diferenças entre os irmãos, Yaqub foi mandado ao Líbano, aos 13 anos, onde passa cinco anos de sua vida. A tentativa, porém, parece ter sido inútil, já que, ao se verem pela primeira vez depois da partilha, os gêmeos aparentam indiferença ou, até mesmo, raiva.

De volta a Manaus, Yaqub, passa a se dedicar aos estudos, mostrando-se dotado de uma grande habilidade com cálculos. O Caçula, por outro lado, é expulso do colégio de padres e passa a estudar em uma escola conhecida por sua má reputação: Liceu Rui Barbosa, ou “Galinheiro dos Vândalos”.

O esforço do mais velho foi recompensado com uma ida a São Paulo, onde passou a morar, trabalhar como engenheiro e prosperar. Sabe-se que casou, mas apenas mais adiante na trama é esclarecido que a

misteriosa esposa do engenheiro era Lívia, o que desperta novamente a ira de Omar.

Vale ressaltar que Zana sempre protegeu o Caçula, o “seu” Caçula, proteção a qual era percebida por todos, inclusive Yaqub. Tal devoção pelo filho era sentida, também, por Halim, que constantemente se lamentava pelo fato de a esposa não mais dar a atenção que, antes dos filhos, dispensava ao casamento.

Omar, ao contrário de Yaqub, torna-se boêmio, passa os dias estirado em uma rede, sempre sob os cuidados da mãe. Porém, quando aparece com mulheres que, aparentemente seriam potenciais esposas do filho, Zana se enfurece. Faz de tudo para que o mais novo não se distancie de sua proteção materna.

Há outra personagem decisiva para o desenrolar da trama. É Domingas, uma espécie de ama da casa, uma “cunhatã”, como é descrita no livro, que vai morar com Halim e Zana antes de os gêmeos nascerem. E não mais abandonou a família, morando nos fundos da casa, apesar da vontade de ser livre. É mãe de Nael, o narrador de toda a trama.

É importante mencionar que não fica claro quem é o pai de Nael. Sabe-se que é um dos gêmeos, mas, ao que parece, nem o próprio narrador sabe dizer quem é. Nunca lhe fora claramente revelado.

Omar acaba por ser preso, visto que Yaqub denunciou à polícia uma das agressões do Caçula a este último. O Caçula sai do cárcere pouco antes de cumprir integralmente a pena a qual foi sentenciado. A morte do mais velho é brevemente citada pelo narrador. A narrativa, que tem como um de seus grandes eixos o ódio entre os irmãos, chega ao fim não muito diferente de como iniciou: de maneira trágica. A família acaba sendo desfeita. E os irmãos acabam sendo eternos rivais.

2 | ENTRE O ÁRABE E O AMAZÔNICO

O livro de Milton Hatoum apresenta como paisagem principal a cidade de Manaus e trás elementos culturais diversos, que muitas vezes se misturam. Por se passar na Amazônia, aborda elementos característicos dessa região. Um bom exemplo disso são as casas construídas perto dos rios. Sobre elas, João de Jesus Paes Loureiro fala que:

De modo geral, são casas simples de madeira, de duas águas, de piso elevado por causa das variações da maré, de tábuas pintadas de cores primárias, cobertas de palha. Muitas vezes, são construídas sobre troncos de madeira, na forma de casas flutuantes, adequadíssimas à variações sensíveis do nível dos rios (LOUREIRO, 1995, p. 127)

Essas moradias são encontradas como integrantes da paisagem em Dois Irmãos, visíveis nos exemplos abaixo:

A vazante do rio Negro formava praias enlameadas, onde havia pequenos motores encalhados e cascos de embarcações emborcados. Yaqub começou a remar, às vezes erguia o remo e acenava aos moradores das palafitas [...]

O labirinto de casas erguidas sobre troncos fervilhava: um enxame de canoas navegava ao redor das casas flutuantes, os moradores chegavam do trabalho, caminhavam em fila sobre as tábuas estreitas, que formam uma teia de circulação. (p. 85, p. 90)

Percebe-se a referência às casas que se adequam às variações dos rios, como as flutuantes e as palafitas, largamente vistas na região amazônica.

Com relação ao rio, Paes Loureiro (*Ibidem*, p. 122, p. 127) afirma que “ele [o rio] está intimamente ligado à cultura e à sua expressão simbólica. [...] Na alma do rio estão as encantarias, o lugar dos encantados”. Um exemplo de expressão desses encantados e encantarias pode ser as lendas, as quais permeiam o imaginário da cultura da Amazônia. Em *Dois Irmãos*, uma delas é referida pela cunhatã Domingas, ao descrever Yaqub: “Domingas também se deixava encantar por aquele olhar. Dizia: ‘Esse gêmeo tem olho de boto; se deixar, ele leva todo mundo para o fundo do rio.’” (p. 24). O boto é um animal fluvial, que povoa a bacia do rio Amazonas. No entanto, não é a esse animal, de fato, que se refere Domingas. Ela, na verdade, faz alusão à lenda do boto, que, acredita-se, transforma-se algumas noites em um belo rapaz encantador de moças. Escolhe a mais bonita, leva à beira da praia e, depois, para o fundo do rio. Um ser encantado da região amazônica. O que vale ressaltar aqui é a não diferenciação entre a voz de Domingas e a voz do coletivo, no que diz respeito à lenda. Ao que parece, a índia utiliza uma crença popular local para expressar sua opinião, sendo para ela e seus ouvintes uma narrativa popular tão recorrente, que não foi preciso explicá-la. Por conta disso, pode-se concluir que, em *Dois Irmãos*, importa o drama humano e as possíveis respostas que outras narrativas possam trazer para tal, sejam científicas, míticas ou históricas. Dessa feita, local e universal perdem, em parte, seu caráter de conceitos fechados e ganham em possibilidade de “entremear” um novo discurso, mais dialético e aberto a vozes de expressão local, atentando para o universal. (FERNANDES, 2004, p. 115)

Demais trechos na narrativa do livro de Hatoum apontam elementos locais. Logo no início da trama, quando Yaqub volta do Líbano, observa as ruas de Manaus, o que lhe trás memórias da vida que um dia tivera:

No caminho do aeroporto para casa, Yaqub reconheceu um pedaço da infância vivida em Manaus, se emocionou com a visão dos barcos coloridos, atracados às margens dos igarapés por onde ele, o irmão e o pai haviam navegando numa canoa coberta de palha. (p. 13)

A visão de Yaqub é permeada por barcos, os quais “navegam na epiderme dos rios”. Além disso, o narrador se refere a “igarapés”, que, segundo o *Dicionário Aurélio* (1999, p. 1073), constitui um regionalismo típico da Amazônia, podendo ser

definido como um “rio pequeno que tem as mesmas características dos grandes e que é geralmente navegável”.

Yaquib continua a olhar as paisagens e a relembrar sua infância, como é retratado no trecho a seguir: “Os barcos, a correria na praia quando o rio secava, os passeios até o Careiro, no outro lado do Rio Negro, de onde voltavam com cestas cheias de frutas e peixes” (p. 14). Verifica-se novamente a referência aos barcos e também ao rio. Há, ainda, a citação ao Rio Negro, o qual passa por Manaus e é um dos afluentes do rio Amazonas, o maior deles, caracterizado por suas águas escuras. O Careiro, por outro lado, é um município do Amazonas, localizado a mais ou menos 100 quilômetros de Manaus.

De fato, há rios, barcos, peixes e lendas apontados no livro de Milton Hatoum. Não se nega que esses são alguns dos elementos constituintes de uma paisagem local. A abordagem de Paes Loureiro sobre tais elementos constitui uma visão essencialista, isto é, que busca uma essência amazônica. Apesar de essa abordagem ser válida para indicar alguns dos elementos constitutivos da cultura amazônica na trama de *Dois Irmãos*, ressalta-se neste trabalho que a visão de Milton Hatoum parece ser mais “transculturadora”. Para entender melhor essa denominação, faz-se pertinente citar Angel Rama e o seu conceito de transculturação. O termo foi primeiro referido por Fernando Ortiz, em 1940. Rama cita o termo de Ortiz:

Entendemos que o vocábulo transculturação expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque este não consiste apenas em adquirir uma cultura, que é o que em rigor indica a voz anglo-americana aculturação, mas também implica necessariamente a perda ou desenraizamento de uma cultura precedente, o que poderia se traduzir por uma parcial desculturação e, ademais, significa a conseguinte criação de novos fenômenos culturais que poderiam ser denominados neoculturação (ORTIZ apud RAMA, 2007, p. 39)

O conceito cunhado por Ortiz tenta explicar a assimilação ou transição de uma cultura a outra. Afirma ter o termo transculturação mais sentido que aculturação, visto que o primeiro também indica um “desenraizamento” de uma cultura original, anterior, o que poderia implicar o surgimento de novos fenômenos culturais, além de uma incorporação da cultura externa e uma reestruturação da cultura originária e dos elementos que vem de fora. Ademais, o conceito é válido por não reduzir a cultura latino-americana (ou qualquer outra) a meramente passiva, como apenas um agregado de normas, comportamentos, crenças e objetos culturais, pois se trata de uma força que atua com desenvoltura tanto sobre sua herança particular, segundo as situações próprias de seu desenrolar, como sobre as contribuições provenientes de fora (Ibidem, p. 40).

O restaurante Biblos é um bom exemplo dessa mistura. O pai de Zana, o viúvo Galib, possuía um restaurante em que ele mesmo cozinhava, chamado Biblos (esse nome, por si só, é uma referência ao Líbano). Galib era libanês, mas, por morar em

Manaus, escolhia peixes típicos da Amazônia no Mercado Municipal: “No Mercado Municipal, escolhia uma pescada, um tucunaré ou um matrinxã, recheava-o com farofa ou azeitonas, assava-o no forno de lenha e servia-o com molho de gergelim” (p. 36). Os três peixes referidos na citação anterior são característicos da região amazônica: a pescada, que pode ser de vários tipos, o tucunaré e o matrinxã. É difícil encontrar algum morador dessa localidade que não seja familiarizado com tais integrantes dos rios. O gergelim, por outro lado, é um tempero, considerado iguaria, típico da Ásia. Em uma mistura aparentemente ingênua, percebe-se a fusão de dois elementos bem distintos, característicos de localidades e culturas diferentes. Em uma visão metafórica, pode-se afirmar que essa junção não é passiva, não é apenas um agregado de ingredientes: um não apenas recebe o outro. É mais uma troca, em que há “perdas, seleções, redescobrimientos e incorporações” (RAMA, p. 47). O peixe, por exemplo, acaba sendo a porcentagem maior no prato, o que não anula a atuação do gergelim. São agregados à receita, também, outros temperos, de diferentes procedências. Alguns mais, outros menos, mas todos com sua devida importância. Todos acabam se juntando, fundindo, confundindo, formando um só elemento. Assim acontece com a cultura amazônica.

Voltando ao restaurante Biblos, temos, ainda, como descrição do local a seguinte:

Desde a inauguração, o Biblos foi um ponto de encontro de imigrantes libaneses, sírios e judeus marroquinos que moravam na praça Nossa Senhora dos Remédios e nos quarteirões que a rodeavam. Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam [...]. (p. 36)

Percebe-se que o próprio restaurante de Galib já é uma representação de mistura, dessa hibridação de culturas, dessa transculturação, em que o brasileiro, mais especificamente o amazônico, e o estrangeiro, acabam se cruzando, fundindo e confundindo.

Manaus pode ser considerada como receptora dessa influência transculturadora, visto que é uma das capitais brasileiras. Segundo Rama (Ibidem, p. 41) “as culturas internas recebem a influência transculturadora desde suas capitais nacionais ou desde a área que está em contato estreito com o exterior”. Um grande exemplo desse contato entre Manaus e o exterior é o Manaus Harbour, atual Porto de Manaus. Inaugurado em 1907, às margens do Rio Negro, em cais flutuante, é considerado um dos grandes portos do Brasil, tendo capacidade de aportar navios de qualquer tamanho e nacionalidade. Esse porto é diversas vezes citado em Dois Irmãos, como no trecho a seguir:

Ela [Zana] imaginava o sofá cinzento na sala onde Halim largava o narguilé para abraçá-la, lembrava a voz do pai conversando com barqueiros e pescadores no Manaus Harbour, e ali no apêndice lembrava a rede vermelha do Caçula, o cheiro

dele, o corpo que ela mesma despia na rede onde ele terminava suas noites.
(p. 09)

Mais adiante em seu texto, Rama afirma que o conceito de Ortiz, apesar de válido, não abarca de maneira suficiente os critérios de seletividade e invenção. Isso porque, em uma comunidade vivente, é cumprida uma seletividade tanto sobre sua própria cultura como sobre os elementos externos, realizando o que poderia ser uma combinação de elementos, adequando-os a autonomia de seu próprio sistema cultural.

Vale ressaltar que os imigrantes árabes chegaram ao Brasil não com o mesmo intuito de dominação e imposição do colonizador europeu em anos anteriores. A intenção dos primeiros era se instalar, trabalhar, construir uma nova vida. No Brasil, a imigração árabe ocorreu em locais como Belém, Manaus, São Luiz, Rio de Janeiro e São Paulo, algumas das grandes capitais. De maneira geral, os imigrantes libaneses assumiam o trabalho de mascates, comerciantes. De acordo com o site oficial da Embaixada do Líbano no Brasil:

a obtenção de riqueza fácil foi a causa principal das primeiras experiências. A América desempenhou para os árabes o papel que a Ásia desempenhou para os europeus na Idade Média. [...] O sucesso econômico obtido pelos primeiros árabes foi responsável pela vinda de outros. Os lucros rápidos e fáceis da Amazônia criaram lendas e incentivaram a imigração. (http://www.libano.org.br/olibano_hist_migracao.html)

Foi o caso de Zana, Halim, Galib. Mas ainda assim, vieram com o que se pode chamar de bagagem cultural, e tiveram que se adaptar ao novo país. Portanto, pode-se dizer que eles próprios realizaram um processo de seletividade - ao qual se refere Rama - no que diz respeito aos seus próprios costumes, pois passaram a combinar elementos de sua cultura, a original, com a externa, a nova, mas não de maneira passiva. Passam, então, a realizar uma combinação de elementos. Como exemplo disso, outro trecho do Biblos é destacado a seguir, quando o jovem Halim passa a frequentar mais assiduamente o local, com a finalidade de admirar Zana:

Halim passou a freqüentar o Biblos aos sábados, depois ia todas as manhãs, beliscava uma posta de peixe, uma berinjela recheada, um pedaço de macaxeira frita; tirava do bolso a garrafinha de arak, bebia e se fartava de tanto olhar para Zana (p. 37).

Percebe-se que Halim, libanês, comia peixes típicos da região amazônica, além de macaxeira, e falava português. Mas tomava uma bebida alcoólica destilada de tâmaras ou uvas, de origem árabe, chamada arak.

Halim, assim como Zana, aprendeu a língua portuguesa e se comunicava nela. Todavia, diversas vezes ao longo da narrativa se comunicam também em árabe, mostrando influências de sua terra natal:

“Soube que [Zana] ergueu a cabeça e perguntou em árabe para que só a filha e a amiga quase centenária entendessem [...]: ‘Meus filhos já fizeram as pazes?’.”

(p. 10)

“Coitado! Ya haram ash-shum!’ lamentou Zana. ‘Meu filho foi maltratado naquela aldeia!’.” (p. 19)

“Yaqub partiu para o Líbano com os amigos do pai e regressou a Manaus cinco anos depois. Sozinho. ‘Um rude, um pastor, um r’ái. Olha como meu filho come!’, lamentava-se Zana.” (p. 23)

“Hoje, a voz [de Halim] me chega aos ouvidos como sons da memória ardente. Às vezes ele se distraía e falava em árabe.” (p. 39)

“Majnum! Um maluco, esse Omar!”, disse Halim, bebendo um trago de arak”. (p. 89)

Sendo assim, os personagens árabes passaram a falar português, posto que se encontravam no Brasil. Ainda assim, não abandonaram o árabe por completo. Misturavam palavras em sua língua materna com a língua que haviam aprendido. Comiam e cozinhavam a culinária da Amazônia, mas não renunciavam a certos elementos de sua própria cultura, como é possível verificar, também, no trecho a seguir: “Mas Halim gostava do Encalhe, da macaxeira e do jaraqui frito que serviam na mesinha de caixotes, e, já naquela época, não se desgrudava da garrafa de arak e do tabuleiro de gamão” (p. 114). É importante saber que o gamão é um jogo, apesar de origem incerta, bastante comum entre o povo árabe, especialmente os libaneses. Talvez Halim utilizasse o arak e o gamão como uma forma de perpetuação cultural, de seletividade, de “ars combinatório”.

Outro exemplo dessa combinação ocorre na ceia de natal do ano de 1968, na véspera da morte de Halim. O jantar é repleto de comidas tipicamente árabes, “iguarias”, como diz o narrador Nael, a exemplo do arroz de lentilhas e o carneiro assado:

Na manhã da véspera do natal de 1968 ele [Halim] saiu de casa e todos nós esperávamos que de noite estivesse de volta, carregando caixas de presentes, pronto para comer arroz com lentilha, pernil de carneiro assado e outras iguarias que Zana e Domingas preparavam. (p. 159)

Havia, ainda, os presentes enviados de São Paulo por Livia, esposa de Yaqub: “A nora mandava de São Paulo caixas de presente para Halim. Garrafas de arak, latas de tabaco para o narguilé, sacos de pistache, figos secos, amêndoas e tâmaras” (p. 95). Além de a citação ratificar o uso do narguilé por Halim, ainda mostra o consumo de frutos árabes pela família, ainda que enviados por terceiros.

De acordo com o autor de Dois Irmãos, Milton Hatoum, em entrevista para O Globo online, a imigração árabe obteve êxito no Brasil por este país já ser miscigenado. De fato, como já diria Silviano Santiago (2000, p. 16) sobre a América Latina: “o elemento híbrido reina”. Todavia, é importante lembrar que, apesar de miscigenado, existem hierarquias culturais, ou seja, cada cultura tem um peso. Seria

estranho falar, por exemplo, que a influência da cultura árabe possui o mesmo peso da portuguesa no Brasil. Mas essa influência existe, como nos mostra o próprio livro de Milton Hatoum. Isso porque a imigração, ainda que não tenha a intenção de colonizar, explorar, impor novos costumes, modifica e transcultura, de alguma forma, a cultura já existente. Isso nos leva à questão da busca de identidade, não apenas do povo imigrante, mas também do que recebe essa imigração, o que implica segundo Fernandes (2004, p. 113) “o sentimento de pertença a uma nação”. Essa busca pode estar metaforizada no narrador Nael, sempre à procura de sua própria identidade: não sabe ao certo qual dos gêmeos é o seu pai, e passa a vida buscando por isso, tentando verificar semelhanças suas com algum dos dois. Mas não apenas isso. Busca, acima de tudo, suas origens, seus antepassados, algo que lhe traduza de onde veio e o que representa na casa onde mora:

Eu não sabia nada de mim, como vim ao mundo, de onde tinha vindo. A origem: as origens. Meu passado, de alguma forma palpitando na vida dos meus antepassados, nada disso eu sabia. Minha infância, sem nenhum sinal de origem. [...] Hoje, penso: sou e não sou filho de Yaqub, e talvez ele tenha compartilhado comigo essa dúvida. (p. 54, p. 196)

Há, ainda, o papel de Nael na casa de Zana e Halim, que oscila. Em alguns momentos era o neto deles, especialmente de Halim. Em outros, era o filho da empregada, um servo que deveria desempenhar sua função na casa:

“Podia frequentar o interior da casa, sentar no sofá cinzento e nas cadeiras de palha da sala. Era raro eu sentar à mesa com os donos da casa, mas podia comer a comida deles, beber tudo, eles não se importavam.” (p. 60)

“Ele [Halim] dava um tapinha na testa e murmurava: ‘É a velhice, a gente não escolhe a língua na velhice. Mas tu podes aprender uma palavrinhas [em árabe], querido’.” (p. 39)

Percebe-se que no primeiro trecho, Nael é tratado como um servo, que deveria ser diferenciado dos outros moradores da casa, dos que seriam considerados os reais membros da família. Já no segundo excerto, conversa com Halim e é chamado por ele de “querido”, o que revela um tom de carinho e apreço pelo menino.

Tal busca – e incerteza - do menino pode ser relacionada à própria busca – e incerteza - da Amazônia por sua identidade. É pertinente, aqui, citar Canclini e seu livro, *Culturas Híbridas*, em que fala:

A ênfase na hibridação não enclausura apenas a pretensão de se estabelecer identidades “puras” ou “autênticas”. [...] Os estudos sobre narrativas identitárias que levam em conta os processos de hibridação mostram que não é possível falar das identidades como se se tratasse apenas de um conjunto de traços fixos, nem afirmá-las como a essência de uma etnia ou de uma nação. (CANCLINI, 2008, p. 23)

Afirma-se, então, que assim como Nael, a cultura da Amazônia pode ser considerada detentora de uma identidade híbrida. Não possui apenas uma origem,

mas diversas, que se fundem e confundem, gerando novos processos. A cultura não é, assim, algo fixo, mas que está em constante transformação, em constante movimento, tal qual a literatura.

ALGUMAS PALAVRAS FINAIS

Tendo em vista o narrador de *Dois Irmãos*, Nael, e a forma com que narra a trama, especialmente no que tange os elementos constitutivos da Amazônia, percebemos que:

constrói sua descrição do espaço a partir de uma percepção individual criadora, mesmo a despeito de uma realidade aparentemente única, de um espaço comum. [...] o local é descortinado como reflexo do universal, como a especificidade de uma região tratada na dinâmica do Mundo. (FERNANDES, 2004, p. 115)

Implica dizer que Nael não diferencia o que é sua própria crença, sua própria perspectiva, próprios hábitos, do que seria a expressão de um coletivo. Local e universal acabam se interpondo, mesclando, permeando. O que de fato se apresenta entre o local e o universal é a cultura amazônica, até mesmo porque a paisagem retratada é a de Manaus. Não que a Literatura da Amazônia se reduza à localidade em que é narrada, mas sim por narrar a paisagem e, nas palavras de Fernandes (Ibidem, p. 114) “paisagem [é] tudo aquilo que nossa vista, ou a do narrador, abarca a partir dos sentidos”.

E, afinal, não é o elemento híbrido que reina? Há, em *Dois Irmãos*, um retrato da combinação de culturas, uma combinação de elementos, que acabam resultando em um só. De fato, Nael narra a paisagem amazônica como um “reflexo do universal”. Mas aponta para esse hibridismo, para a não passividade de culturas, o que também é reflexo do local. A expressão do árabe não anula a da Amazônia, até mesmo porque está inserido e transculturado nela.

Ao que parece, Milton Hatoum partilha da idéia de Rama, de que a cultura latino-americana é amplamente transculturada. Mais precisamente, Hatoum parece mostrar que a Amazônia é amplamente transculturada. Mas, ainda assim, não podemos perder de vista que a narrativa de *Dois Irmãos* parte do local. É, assim, uma literatura que, de acordo com o olhar do narrador, parte da Amazônia para abarcar algo universal: o drama familiar.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FERNANDES, José. *Literatura brasileira de expressão amazônica, literatura da Amazônia ou literatura amazônica?* Graphos, João Pessoa, p. 111- 116, jun/dez 2004.

FERREIRA, Aurélio. Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

HATOUM, Milton. Dois Irmãos. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LOUREIRO, João. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. Belém: Cejup, 1995.

RAMA, Angel. Transculturación narrativa en América Latina. Buenos Aires: Ediciones El Andariego, 2007.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.

MOREIRA, Fernando. Árabes no Brasil: um retrato de mascates e fé. Disponível em <http://oglobo.globo.com/mundo/mat/2006/08/17/285309299.asp>, acesso em 08 de dez. de 2009.

Embaixada do Líbano no Brasil. Migração. Disponível em http://www.libano.org.br/olibano_hist_migracao.html, acesso em 09 de dez. de 2009.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antoine Berman 83, 87, 91, 92

Antropofagia 165, 166, 168, 170, 172, 173, 174, 175

Aprendizagem 1, 3, 4, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21, 22, 24, 27, 28, 29, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 45, 46, 47, 48, 52, 55, 56, 57, 58, 59, 60

As canções que você dançou pra mim 109, 110, 111, 118, 120, 121

Atrator 13, 16, 20, 21

Auto ficción 98, 102, 103, 104

B

Black Mirror 134, 135, 136, 137, 138, 143, 145

Brasil oitocentista 63, 64, 71

C

Canibalismo 165, 166, 168, 170, 172, 173, 174, 175

Cultura Contemporânea 134, 135, 137, 144, 165, 166, 170, 171, 174

Curso Básico 39, 40, 41, 45

D

Dança contemporânea 109, 110, 112, 113, 120

Documentário 130, 146, 147, 148, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 164

E

Edgar Allan Poe 83, 84, 86, 88, 96, 97

Emergência 13, 14, 17, 19, 20, 22, 167

Escrita 1, 31, 47, 49, 51, 52, 53, 55, 57, 59, 98, 101, 104, 107, 108

Estética 112, 115, 120, 121, 135, 165, 172, 174, 175

Estratégias 20, 34, 47, 49, 52, 57, 58, 59, 60, 111, 113

G

Gramática 2, 5, 6, 7, 12, 26, 30, 31, 32, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 176

H

Historiografia da Linguística 63, 71

I

Imaginário 25, 75, 82, 115, 116, 120, 131, 134, 135, 136, 137, 138, 141, 143, 144, 145

K

Klezmer 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133

L

Latim científico 63

Leitura 1, 5, 8, 9, 10, 12, 27, 33, 34, 51, 53, 56, 57, 58, 59, 62, 84, 85, 88, 141, 155, 164, 170

Libras 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46

Língua 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 67, 71, 72, 78, 79, 80, 82, 85, 86, 88, 92, 123, 176

Língua Portuguesa 1, 2, 3, 11, 12, 24, 25, 26, 28, 29, 34, 35, 36, 48, 49, 51, 52, 55, 56, 58, 61, 62, 72, 78, 82, 176

línguas indígenas 63, 64, 70, 71, 72

Livro Didático 6, 21, 24, 26, 27, 30, 37

Lusofonia 24, 25, 26, 36, 37

M

Música erudita 122

P

Paradigma da complexidade 13, 15, 22

Performance Art 146, 147, 148, 153, 154, 156, 157, 160, 161, 163

Perversidade 83, 86, 88, 89, 90, 91

PLE 24, 26, 27, 29, 31, 32, 35

Prática Docente 1, 4, 7, 36

R

Ready-made performático 146, 160, 163

Realidade Virtual 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145

Retradução 83, 87, 96

Rigoberta Menchú Tum 98, 99, 100, 102, 106

Roberto Carlos 109, 110, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120

S

Subjetividade 158, 159

T

Teatro yiddish 122, 123, 124, 127, 128, 131, 132

Testimonio 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105

Texto 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 32, 34, 47, 48, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 78, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 94, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 112, 119, 130, 148, 153, 168, 173, 174

V

Violino 122, 123, 126, 129, 130

 **Atena**
Editora

2 0 2 0